

Migração Humana

História mundial em movimento

1

A primeira temporada de campo Hadar, em 1975, testemunhou uma linha de barracas de pesquisa da National Science Foundation (Fundação Nacional de Ciência) armadas no centro do deserto Afar, com vista para o leito seco do Rio Awash na Etiópia. Um jovem paleoantropólogo, Donald Johanson, em sua primeira expedição, ponderou sobre o que aconteceria se ele não conseguisse encontrar os fósseis sobre os quais escreveu a respeito. Em uma inspeção mais longa, em uma tarde, Johanson descrever troçoçado no que parecia ser uma costela de hipopótamo emergindo do solo. Um exame mais minucioso deu a impressão de ser o osso de um pequeno primata. Assim que anotou a localização exata em seu caderno de notas, ele avistou outros dois pedaços de osso nas proximidades. O resto é história. Esses ossos, colocados juntos por Johanson, encaixaram-se em um ângulo surpreendente. Eles eram o fêmur e a tibia de um ser de andar ereto e parte de um impressionante esqueleto de um homínido primitivo, quase 40% completo, que a equipe de arqueólogos localizou. Eles identificaram os notáveis restos de um indivíduo feminino de uma nova espécie, *Australopithecus afarensis*. O campo se encheu de excitação quando seus membros perceberam o quão significativo era o achado de um homínido de gênero feminino de andar ereto com 3 milhões de anos. Enquanto comemoravam, tocava uma fita com músicas dos Beatles no gravador: “Lucy in the Sky with Diamonds”. Eles carinhosamente apelidaram o fóssil de “Lucy”.

Logo após a descoberta de Hadar, a arqueóloga Mary Leakey e sua assistente encontraram um extraordinário par de pegadas de 3,6 mi-

lhões de anos nas rochas vulcânicas de Laetoli, um sítio pré-histórico na Tanzânia. Em uma superfície relativamente plana, dois homínidos primitivos caminharam sobre as cinzas frescas, recentemente precipitadas de um vulcão vizinho, deixando para trás suas pegadas. O evento subsequente da temporada de chuvas anual criou então um cimento de água e cinzas que preservou as pegadas. O par de, possivelmente, mãe e filho, cujas pegadas preservaram um momento da pré-história, eram mais provavelmente criaturas que habitavam em árvores.

A maioria das narrativas sobre o passado humano leva em conta a mudança ao longo do tempo, e não um evento singular do passado, como o que representam as pegadas em Laetoli. Observar a mudança ao longo dos anos requer que historiadores se distanciem daquele momento singular para que enxerguem padrões



Figura 1.1 Mary Leakey escavando. Entre 1976 e 1981, a arqueóloga britânica Mary Leakey e sua equipe trabalharam para descobrir a trilha de pegadas do homínido de Laetoli que foi deixada nas cinzas vulcânicas há mais de 3,6 milhões de anos.

mais amplos e os processos que emergem. Os processos que levam ao ponto no tempo em que os modernos ancestrais humanos, de fato, desceram das árvores e despertaram permanentemente a rotina do bipedalismo. Caminhar ereto sobre dois pés é uma estratégia que permitiu a esses ancestrais dos humanos a distinta vantagem de enxergar por cima da grama alta que substituiu as florestas durante uma era de mudanças climáticas. Essa locomoção terrestre ocorreu primeiro na África, e deu início à longa marcha da história humana.

INTRODUÇÃO

Hoje temos a impressionante mobilidade de humanos como uma certeza. Com velocidade sempre crescente, humanos viajaram de um lado do globo para o outro. Desde suas origens, as migrações humanas tiveram consequências importantes para o planeta e todas as suas espécies. Como os historiadores raramente podem ver as pegadas deixadas de fato por humanos em movimento, eles têm de confiar em uma incrível variedade de evidências históricas e científicas para rastrear a história das migrações humanas que iniciaram bem antes do desenvolvimento da escrita. Por exemplo, a paleontologia estuda a história da vida na terra baseada em registros fósseis e se foca apenas em capítulos selecionados em nossa evolução biológica, tais como o da grande adaptação do bipedalismo ou o das mudanças na capacidade cerebral. Outros capítulos importantes da pré-história, como o desenvolvimento do comportamento onívoro (consumo de animais e plantas) e a emergência da cultura (padrões distintos ou estilos de comportamento), são menos documentados porque tais evidências são menos tangíveis e permanentes. A história das migrações humanas aponta para um único lugar de origem e diversos destinos. A migração é também uma das principais forças que moldaram a diversidade cultural e genética das populações humanas. Como as primitivas migrações humanas da África povoaram o planeta? Quais são as variadas fontes de estudo de padrões e de impactos da migração huma-

na? Como as migrações posteriores moldaram a experiência humana? Finalmente, quais são as causas e consequências de uma história mundial em constante movimento?

PEGADAS EVOLUCIONÁRIAS: ORIGENS HUMANAS NA ÁFRICA

A descoberta em Hadar sugere aos arqueólogos o que deve ter sido um novo ramo evolucionário da árvore genealógica da espécie humana. Essa classificação foi utilizada para desenvolver um modelo para a aparição da espécie *Homo* (humanos e seus ancestrais). Ela arrasta as origens dos homínídeos e a pré-história humana até 3,6 milhões de anos atrás. Desde Lucy, os fósseis de muitos outros ancestrais homínídeos, ou humanos, foram descobertos. As evidências fósseis agora sugerem que pelo menos 12 espécies distintas, incluindo a nossa *Homo sapiens*, partem de um ancestral comum ao macaco africano e andaram sobre a terra durante os últimos 7 ou 8 milhões de anos. Apenas nossa espécie, que se desenvolveu há cerca de 100 mil anos, permanece. Essas descobertas levaram os historiadores a reconsiderar aquilo que faz da espécie humana algo único. Elas nos lembraram também de que aquilo que sabemos a respeito do passado depende de um amplo conjunto de evidências embaixadoras, desde a tradição oral que descreve antigas paisagens até a geologia que documenta as mudanças com a passagem de milhares de anos.

Um outro grande sítio de pesquisa de homínídeos na África do Leste foi o de Great Rift Valley (Vale da Grande Fenda), incluindo o da Garganta de Olduvai, na Tanzânia, investigado durante mais de duas gerações por uma família de cientistas: Louis Leakey (1903-1972), Mary Leakey (1913-1996, sua esposa britânica), seu filho, Richard, e sua nora, Meave. Na areia, cascalho e outros detritos depositados pela água corrente na Garganta de Olduvai, os Leakey encontraram ferramentas de pedra e outras evidências de 2,5 milhões de anos atrás. As ferramentas de pedra escavadas na Garganta de Olduvai pelos Leakey e outros fornecem parte da

longa cadeia de evidências de que o uso de ferramentas de pedra se deu há milhares de anos. Hominídeos primitivos também foram encontrados no Chad, na África Central, e devem ter vagado em meio à África do Oeste também.

TRAÇO DE ROTAS DE MIGRAÇÃO

Finalmente, os movimentos dos hominídeos conectaram os continentes, à medida que eles viajaram da África para a Eurásia. A primeira viagem intercontinental ocorreu há aproximadamente 2 milhões de anos, quando hominídeos eretos e bípedes saíram da África. Cérebros maiores e membros longos, que um dia se pensou que adiantaram o êxodo, provavelmente não eram necessários para essas jornadas prematuras. Caminhar ereto sobre dois pés liberou as mãos desses hominídeos e levou ao aumento do uso especializado de ferramentas.

Em algum momento, há 2 milhões de anos, alguns dos hominídeos primitivos começaram a correr, uma atividade que o gênero *Homo* desenvolveu de forma única, e ainda está desenvolvendo. A habilidade de resistência para corridas longas dos hominídeos não só ajudou os caçadores primitivos e seus comensais, mas também levou a mudanças no mecanismo de equilíbrio do interior do ouvido, largas e vigorosas articulações do joelho e nádegas proeminentes. Mais ou menos ao mesmo tempo, uma ou outra espécie de hominídeos podia ser encontrada no meio da Afro-Eurásia. Finalmente os hominídeos se espalharam para o Sudeste da Ásia e para a China. Por fim, eles atingiram o sudeste da Austrália há aproximadamente 46 a 50 mil anos. A maior parte da área continental ao redor da África, Europa e Ásia recebeu imigrantes do leste da África há aproximadamente 1,5 milhões de anos. Hominídeos datados de 1,8 milhões de anos foram encontrados na ex-soviética Geórgia, onde eles teriam encontrado um bom pasto sazonal. Dois sítios eurasiáticos associados à espécie que se espalhou a partir da África (normalmente identificada como *Homo Erectus*), um em Israel e um nas montanhas do Cáucaso, são datados de 1,6 milhão de anos. Outro lu-

gar é o Planalto do Deccan, no subcontinente indiano, onde se produziram os machados de mão feitos de pedras datadas de mais ou menos aquela mesma idade, enquanto na Ásia Central instrumentos de seixo manufaturados no local atestam a ocupação humana há 750 mil anos. Embora evidências arqueológicas de habitação humana primitiva nas partes tropicais da Ásia não tenham sido descobertas, é possível que tenham utilizado materiais perecíveis, como bambus, em vez de pedras em suas ferramentas, o que tornaria muito mais difícil para os arqueólogos encontrarem algum sítio.

Os mais conhecidos restos de hominídeos encontrados na Ásia do Leste são aqueles do *Homo erectus*, “O homem de Pequim”, descoberto inicialmente na rede de cavernas em Zhoukoudian, próximo a Pequim, no norte da China, no começo dos anos de 1920. Datado de aproximadamente um milhão de anos, a coleção mais antiga de fósseis desse sítio desapareceu no tumulto da Segunda Guerra Mundial e nunca mais foi encontrada. Trabalhando com excelentes moldes dos fósseis e com restos adicionais encontrados nos anos de 1960, paleoantropólogos chineses, e de outras nacionalidades, continuaram a refinar seu conhecimento das várias camadas desse sítio. O Homem de Pequim comia a carne de animais selvagens, tanto como carniceiro quanto como caçador, e utilizava ferramentas de pedra. Inicialmente se acreditou que também sabia como usar o fogo, mas testes recentes nas cinzas indicam que aquele fogo pode não ter sido feito intencionalmente por humanos. Fragmentos fósseis do *Homo Erectus* mais recentemente encontrados em vários outros sítios, espalhados geograficamente do longínquo nordeste até o longínquo sudoeste da China atual, foram datados de quase 2 milhões de anos atrás. Uma datação recentemente revisada dos fósseis do “Homem de Java”, no Sudeste da Ásia, indica que esses ancestrais do *Homo Erectus* viveram ao redor do Rio Solo e no Sangiran na ilha de Java, na atual Indonésia, há 1,6 a 1,8 milhões de anos atrás. Estimar as datas originais desses restos em 800 mil anos indica que o *Homo Erectus* esteve no sudeste da Ásia, bem

como no leste da Ásia, como anteriormente na África, e então a mudança da África deve ter começado há cerca de 2 milhões de anos, bem mais cedo do que se acreditava inicialmente.

Devido ao lento recuo das geleiras, o ambiente da Europa há 2 milhões de anos era menos convidativo aos migrantes africanos do que era o da Ásia. Na medida em que as geleiras recuavam, por volta de 500 mil anos atrás, a Europa tornou-se mais atraente aos hominídeos. Conforme o clima melhorava, também melhoravam os suprimentos de alimentos: a vida animal passou por mudanças significativas, e novas espécies de cervos, bovinos, rinocerontes e cavalos apareceram à medida que condições mais favoráveis de forragem surgiram. Os mais antigos e mais amplamente distribuídos resquícios de hominídeos europeus não são aqueles do *Homo erectus*, mas sim dos Neandertais, um nome derivado das descobertas feitas em um sítio no Vale do Neanderthal, na atual Alemanha. As evidências disponíveis sugerem que uma segunda onda de migração para fora da África é responsável pelo surgimento do homem da anatomia moderna em outro lugar. Outros povos da Idade da Pedra Tardia, incluindo o *Homo sapiens* de anatomia moderna, parecem ter se mudado para a Europa a partir do oeste da Ásia durante o começo do recuo daquela que é chamada de Glaciação de Würm, há cerca de 35 mil anos. Esses migrantes, chamados de Cro-Magnon devido a um sítio no Vale de Dordogne, na França, finalmente desalojaram os mais antigos. Contudo, por mais de 15 mil anos depois que o *Homo sapiens* apareceu na Europa, a parte norte do continente permaneceu desocupada devido ao seu clima incerto e aos seus recursos alimentares imprevisíveis.

As origens e a dispersão dos humanos anatomicamente modernos a partir da África são suportadas por novas evidências da paleontologia (o estudo dos restos fósseis humanos), técnicas recentes de datação, simulações computacionais que modelam diferenças humanas e estudos genéticos. Um dos projetos científicos mais significativos do século XXI, o Projeto Genoma Humano (1990-2003), demonstrou a si-

milaridade (até 99,9%) de todos os padrões genéticos por toda a espécie humana. Evidências genéticas da análise do DNA de amostras de sangue de pessoas ao redor do mundo mostram diminutas variações, comparadas com outras espécies. A evidência genética do estudo do DNA mitocondrial (encontrado em células e herdado da mãe) também confirma o rastro de uma única linhagem até a terra natal africana. Os povos na África apresentam a maior variabilidade genética, comparada com a variação insignificante pelo resto dos grupos raciais mundiais, demonstrando que não há base genética para classificar os humanos em tipos raciais.

As rotas migratórias que interconectam o planeta também foram cientificamente traçadas pelo estudo de similaridades genéticas e diferenças entre populações modernas e o rastreamento delas até um ancestral comum na África. As evidências genéticas confirmam que o movimento original para fora da África começou já por volta de 2 milhões de anos atrás. Sítios com restos de homens anatomicamente modernos são comuns na África durante a metade da Idade da Pedra (200.000-40.000 anos atrás), confirmando que a segunda onda migratória para fora da África se deu, talvez, por volta de 100 mil anos atrás. Mesmo que esses ancestrais humanos fossem anatomicamente modernos, eles possuíam características humanas totalmente modernas como a cultura? Uma mutação genética ou outro evento despertou as mudanças que permitiram o surgimento repentino da capacidade de produzir ferramentas e arte?

COLONIZAÇÃO DO PLANETA

O evento mais significativo de migração da pré-história mundial é a colonização do planeta: os humanos são os únicos animais a alcançar distribuição quase global. Pré-historiadores consideraram por muito tempo que o movimento dos humanos na pré-história refletia sua intenção; mas como essa noção de propósito surgiu? Compreender o processo de colonização global levanta as questões de como e onde os humanos surgiram como espécie e de como e por que os

humanos se movimentaram ao redor da terra até ocupar todos os ambientes encontrados neste planeta. Após deixar a África, humanos anatomicamente modernos finalmente se espalharam, por terra ou por mar, para todas as partes habitáveis do planeta. Por que esses imigrantes primitivos deixaram a África para colonizar o mundo é uma questão complexa e importante. A resposta pode ser encontrada em uma rede de fatores inter-relacionados centrados no comportamento humano, especificamente o comportamento selecionado para reduzir os riscos e aumentar a aptidão individual para a sobrevivência. Migrações planejadas devem ter sido resultado de troca de informações, construção de alianças, memórias e habilidades em negociação – habilidades que necessariamente acompanharam os grupos de crescente complexidade social e cultural. A crescente complexidade da existência inevitavelmente levou os hominídeos para fora da África, resultando na distribuição global de diversos grupos humanos. O aumento das populações pode ter sido o gatilho da migração de alguns grupos. Armados com os atributos da cultura, os distintos e complexos padrões de comportamento compartilhados pelos grupos humanos, eles finalmente se adaptaram e conquistaram praticamente todos os ambientes do globo.

Qualquer que seja a natureza da origem humana, quando ou onde quer que seja que as primeiras sociedades humanas e culturas apareceram inicialmente, o povoamento de nosso globo foi produto das migrações de um lugar para o outro. Devido ao pequeno número de indivíduos e às vastas distâncias percorridas, e considerando seus métodos de transporte tecnologicamente limitados, o movimento de pessoas ao redor do globo parece algo milagroso. Ele foi feito completamente por pessoas que andaram a pé, e talvez tenham flutuado em jangadas, que recolheram e caçaram comida e tiveram sucesso em ambientes diversos e complicados.

A maioria dos historiadores concorda que expressões culturais simbólicas ajudam a tornar a espécie humana única. Recentes evidências dos símbolos, incluindo o pedaço vermelho

de ferro gravado com hachuras cruzadas, encontrado no sul da África e datado de 70 mil anos atrás. A evidência apóia a teoria de que a segunda leva de ancestrais africanos deixou o continente com vantagens culturais que facilitaram sua migração. Alguns pesquisadores acreditam que as raízes culturais essenciais incluem o desenvolvimento do uso frequente de redes de cooperação social, uma importante marca humana. Adaptações bem-sucedidas capacitaram essas populações a sobreviver em diferentes zonas ecológicas e, competindo com populações de Neandertais, elas finalmente ganharam a disputa na Afro-Eurásia.

Muitos exemplos da colonização global dependem das interações entre pessoas, e entre elas e seus ambientes. Gradualmente, em algum momento em meados da Idade da Pedra (talvez entre 100 mil e 200 mil anos atrás), padrões distintos de interação surgiram entre humanos e entre eles e os locais geográficos nos quais viviam. Como os distintos ambientes físicos e sociais aos quais os humanos se adaptaram estavam em constante mudança, as culturas também mudavam continuamente. Aqueles humanos primitivos adquiriram habilidades tecnológicas e sociais que podem ser inferidas das evidências



Figura 1.2 Arte Saariana na pedra. A arte nas pedras reflete expressões humanas primitivas e pode ser utilizada por historiadores para documentar a mudança ao longo do tempo, como movimentos populacionais, mudanças no meio ambiente ou o passado que de outra forma seria provisório e intangível, desde cortes de cabelo até artes corporais.

espalhadas de sua cultura material – instrumentos e utensílios de pedra, figuras esculpidas, arte em pedras e cavernas, entre outros, datando de mais ou menos 40 mil anos atrás – que foram encontrar em quase todas as partes do globo.

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Os humanos também desenvolveram a linguagem e o compartilhamento dela, o mais alto nível de habilidade de comunicação, uma habilidade que ainda é exclusivamente humana. À medida que se espalhavam pelo globo, nossos ancestrais humanos desenvolveram linguagens eficientes e variadas como forma de lembrar e transmitir informações dentro de seus contextos sociais compartilhados. Exatamente como ou quando a linguagem surgiu é algo que permanece obscuro, mas quando eles criaram a linguagem e a habilidade de pensar abstratamente, isso separou os humanos de seus ancestrais homínídeos, e ambos os fatores reforçaram a exclusividade da espécie e confirmaram sua humanidade.

A linguagem teria sido essencial para comunicar ideias, planejar itinerários e transmitir cultura durante as aproximadamente cinco mil gerações que nos separam de nosso ancestral humano em comum. A adaptação física principal, que deve ter ocorrido há apenas 200 mil anos, foi a redução da laringe na garganta humana, nos tornando capazes de produzir a fala modificando a passagem de ar. Nenhuma outra espécie é capaz de modificar e reinventar seu comportamento por meio da fala. Os cientistas também utilizam as mudanças na linguagem para traçar a evolução da fala e os movimentos dos falantes de acordo com os lugares.

Todas as linguagens humanas são similares no que diz respeito à capacidade de expressar as necessidades, desejos e a história de seus falantes. Poucos iriam discordar de que a habilidade de se comunicar verbalmente e simbolicamente é o núcleo dos comportamentos e da crescente complexidade das estruturas sociais dos seres humanos. A comunicação estendeu o impacto do aprendizado coletivo humano durante mui-

tas gerações. Os humanos se distinguem como uma espécie por causa de sua capacidade de herdar conhecimento. O desenvolvimento da linguagem inquestionavelmente catalisou a evolução social e tecnológica dos humanos e facilitou os sistemas de reciprocidade e troca cultural. Por exemplo, a divisão do trabalho na produção de comida e a troca e o transporte de mercadorias e produtos foram alavancados pela fala. Ser capaz de dividir diferentes tarefas entre diferentes indivíduos apressou a cooperação e acelerou o processo de evolução social e cultural. Compartilhar informações acelerou enormemente a adaptação e foi fundamental no impacto da espécie humana sobre o planeta.

A evolução da crescente especialização na linguagem e na tecnologia eram desenvolvimentos paralelos e provavelmente inter-relacionados. Das evidências disponíveis da tecnologia da pedra ao redor do mundo, mais ou menos há 500 mil anos, os tipos de ferramentas pareciam muito similares. Há aproximadamente 50 mil anos, diferenças distintas apareceram: especializações regionais na confecção de ferramentas refletiam a evolução cultural e a ocupação de diferentes ambientes exigia ferramentas diferentes. Com base nas evidências existentes e seu padrão cronológico, o julgamento mais seguro parece ser o de que migrações contínuas do continente africano povoaram as massas de terras adjacentes no oeste da Ásia e lá criaram uma antiga encruzilhada de interação cultural. Assentamentos temporários espalhados, da Idade da Pedra, apareceram no oeste da Ásia, da mesma forma que apareceram no resto do mundo habitável. Evidências de sociedades humanas no oeste da Ásia, datando de 35000 a.C., são bem claras. Desde então não há evidências de migrações significativas de novas pessoas para o oeste da Ásia entre 1,5 milhão e 35 mil anos a.C., as pessoas que lá se assentaram eram provavelmente descendentes dos primeiros imigrantes da África. Depois de aproximadamente 10 mil anos atrás, seus descendentes se reuniram e mais tarde plantaram grãos selvagens, e logo estariam construindo a primeira das cidades do oeste da Ásia.

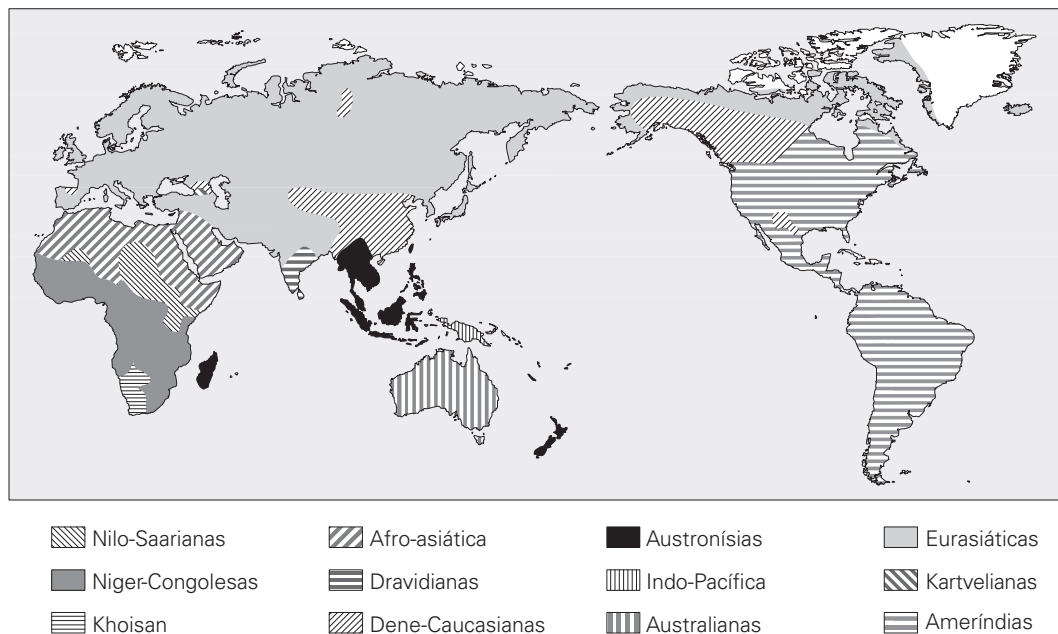
Muito depois da primeira migração global de homínídeos da África para a Austrália, iniciada mais ou menos há 50 mil anos, a continuidade do estilo cultural sugere a resistência de uma população constituída de apenas dois ou três grupos de linguagem relacionadas com linguagens Africanas. O desenvolvimento da cultura e da estrutura social do oeste da Ásia foi mais o produto de uma lenta mudança interna do que o fluxo de novas pessoas vindas de fora. O movimento inicial de pessoas provavelmente seguiu as margens do Oceano Índico até as áreas tropicais do lado do Pacífico. Movimentos para as terras do norte (e para o frio) ocorreram com o tempo.

DEMOGRAFIA, ANIMAIS E CLIMA

À medida que as culturas pré-históricas evoluíram, as pessoas se mudaram para áreas antes inabitadas. É provável que o aumento da população humana foi grandemente responsável por essas migrações. A influência das mudanças demográ-

ficas, do aumento ou diminuição no tamanho da população ou das características, interagiu com outros aspectos da ecologia, incluindo mudanças culturais e naturais, para encorajar as pessoas a se mudarem. Pressões populacionais devido a recursos escassos ou limitados forçaram as pessoas para ambientes ainda mais restritivos que, por sua vez, requeriam estratégias adaptativas. Desertos e terras áridas podiam ser colonizadas por humanos primitivos com ferramentas efêtas, estoque de comida e cooperação social.

Já vimos que as migrações africanas mais antigas estendem as realizações da evolução humana para outras partes do globo. Desde essas migrações, mais de 1 milhão de anos atrás, parte alguma do globo esteve realmente isolada. Nem todas as migrações foram permanentes, e descendentes dos emigrantes primitivos algumas vezes retornaram à África, resultando em troca de pessoas, produtos e ideias entra a África, o oeste da Ásia e as terras na borda do Mediterrâneo e do Mar Vermelho. A costa do Oceano Índico no leste da África e da Eurásia também



Mapa 1.1 Grupos de linguagens do mundo.

Fonte: Patrick Manning, *Migration in World History* (London e New York: Routledge, 2005), figura 2.1, p. 29.

foram um ponto de entrada de pessoas e de suas culturas, animais e colheitas, tais como bananas (iniciadas em algum ponto antes de 6 mil anos atrás). Os próprios descendentes de africanos também se aventuraram em viagens pelo Oceano Índico até o subcontinente indiano, acabando por se conectar à história da migração humana até a China, Austrália e Nova Guiné. Os humanos não foram as únicas populações a se alastrar pelos lugares. Por exemplo, o clima altamente variável do Saara, o maior deserto do mundo, cobrindo quase um terço do continente africano, experimentou condições severas de seca entre aproximadamente 8 mil e 7 mil anos atrás e novamente mais ou menos há 5 mil anos, resultando em seu ambiente árido atual. A mudança drástica de lagos e do clima úmido para condições de seca ocasionou a migração de espécies de animais como a do elefante, bem como a dos humanos. Após a última desertificação, os humanos se adaptaram, inventando a irrigação e a agricultura.

A domesticação de animais aprofundou ainda mais a mobilidade humana. A pé, a mobilidade era estimada em algo em torno de 72 quilômetros (45 milhas) por século. Migrações anteriores de animais espalharam as espécies mais úteis aos movimentos humanos – as famílias dos camelídeos (os camelos, as alpacas e as lhamas) e dos equinos (cavalos, burros, onagros e zebras) da América do Norte até a Eurásia. A domesticação do camelo asiático, da lhama sul-americana e do cavalo ou asno eurasiático ocorreu muito depois (domados da natureza por volta de 6000 a.C.), quando expandiram a atividade migratória dos primeiros grupos humanos exatamente quando estes estavam se sedentarizando. Sua utilização era cara mas acelerava as jornadas e fazia com que os contatos entre as regiões do mundo, cada vez mais colonizadas, fossem mais frequentes. Em eras mais recentes, os historiadores dependem de evidências as mais diversas, como a linguagem e a arqueologia, para traçar os movimentos humanos. Redes de cooperação, definidas por meio da comunicação entre indivíduos e grupos, provavelmente moldaram as primeiras mi-

grações humanas e constituíram o fator único mais significativo, modelando todas as migrações desde então.

EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS DA MIGRAÇÃO

As primeiras origens da linguagem distinguem os humanos dos animais. O estudo da linguagem também pode oferecer importantes pistas a respeito da migração histórica de povos ao redor do mundo. Todas as linguagens humanas podem ser divididas em aproximadamente 12 grupos classificatórios: Nilo-saarianas, Nigero-congolesas, Khoisan, afro-asiáticas, dravidianas, dene-caucasianas, austronísias, indo-pacíficas, australianas, euro-asiáticas, kartvelianas e ameríndias. Há uma falta de consenso a respeito de quando exatamente cada um desses grupos surgiu. A maioria dos historiadores colocaria seu surgimento entre 10 mil e 20 mil anos atrás, baseando-se na atual distribuição dos falantes descendentes das línguas correlatas. A dispersão mais antiga e ampla dos grupos de linguagens também sugere dois períodos de migração principais. O primeiro foi da África para o Pacífico por meio de rotas aquáticas e por lugares tropicais entre 80 mil e 50 mil anos atrás. As migrações humanas subsequentes identificam dispersões ao longo das zonas temperadas, entre 40 mil e 30 mil anos atrás, alcançando zonas de ambientes mais extremos. Essa distribuição posterior também sugere que grupos humanos se diferenciaram em subgrupos de forma mais rápida e antes mesmo da grande Era do Gelo.

Características linguísticas distintivas, como sons secos, podem revelar padrões de movimento se elas são encontradas em populações geograficamente distantes. Também palavras similares em diferentes linguagens podem demonstrar origens comuns. Movimentos substanciais das áreas de savana do leste e do sul da África refletem na distribuição e na história das linguagens Khoisan há cerca de 80 mil anos. Falantes das linguagens Nilo-saarianas que se deslocaram para o leste na direção do Oceano Índico podem ter influenciado as similaridades

existentes entre os grupos de linguagem africanos, asiáticos tropicais e oceânicos.

As migrações bantu na África demonstram maneiras de como o estudo da linguagem pode auxiliar os acadêmicos a traçarem os movimentos humanos no passado distante. Entre 6 mil e 1 mil anos atrás, falantes bantu da região do Lago Chade se espalharam lentamente em meio a maior parte da África subsaariana. Por volta de 1000 a.C., o ritmo de suas migrações se acelerou. Eles podem ter sido ajudados nesse processo por sua habilidade de confeccionar e utilizar ferramentas de ferro e armas, o que pode ter-lhes dado uma vantagem sobre outras comunidades humanas. A incorporação de palavras de outros grupos de linguagem na língua bantu, incluindo palavras relacionadas à agricultura e à pecuária, fornece evidências de outros grupos de falantes bantu encontrados e indicam que eles podem ter adquirido o conhecimento desse processo de não falantes de bantu.

A expansão bantu envolveu os falantes de linguagens parecidas que agora perfazem as populações da metade sul do continente africano. Essas migrações africanas recentes e mais largas e longas também foram importantes para os padrões culturais e políticos compartilhados que ajudaram a mitigar o ambiente e a diversidade cultural daquele continente. O movimento dos falantes bantu, como a dispersão de povos asiáticos no Pacífico, pode ter sido inicialmente o resultado de drásticas flutuações climáticas. Ambas migrações, bantu e asiática, foram documentadas por evidências arqueológicas e linguísticas, incluindo as similaridades de estilo e decoração de cerâmicas escavadas e o compartilhamento do vocabulário entre povos distantes.

Um dia poderá ser possível traçar em maiores detalhes os padrões de todas as migrações humanas primitivas utilizando evidências linguísticas. Por enquanto, os historiadores possuem evidências limitadas e fragmentadas sobre como (ou quando) os 12 ou mais grupos mundiais de linguagem apareceram e se aqueles grupos são ancestralmente relacionados. Por exemplo, os falantes das linguagens indoeuropeias primitivas parecem pertencer a uma grande superfamília

de linguagens (euro-asiática) que surgiu algum tempo depois de 40 mil anos atrás. Os historiadores não concordam sobre a exata localização de sua terra de origem. Migrações posteriores podem ser traçadas entre as áreas ocupadas por ancestrais de grupos celtas e povos da Ásia Central, e provavelmente resultaram em características físicas e culturais compartilhadas. Por exemplo, há mais ou menos 4 mil anos, uma comunidade na Bacia do Tarim enterrou seus mortos em solos secos, e algumas vezes salgados, o que preservou e mumificou os corpos. Os arqueólogos conseguiram detectar traços distintamente caucásios, pele e pelos claros, nos restos mortais desses migrantes indo-europeus que um dia viveram perto da atual cidade chinesa de Urumchi.

Migrações muito posteriores podem ser estudadas por meio do exame das similaridades e diferenças em grupos de linguagens. A Idade da Pedra Tardia dos povos celtas, que habitaram a área transalpina ao norte do Mediterrâneo e ao oeste dos Urais, foi um dos movimentos mais expandidos de povos na Europa. Melhores condições e a atração por outras culturas levaram os celtas para o sul em direção ao Mediterrâneo, ao oeste da Ásia e em direção ao oeste rumo ao Atlântico e às ilhas britânicas, onde se estabeleceram no primeiro milênio a.C.

O FIM DA ERA DO GELO

O fim da glaciação permitiu migrações e o assentamento do oeste da Ásia até a Europa, e quando a Era do Gelo acabou (aproximadamente 10 mil a.C.), sociedades e culturas distintas lá se desenvolveram. O fim da Era do Gelo foi de significância similar no leste da Ásia, onde permitiu que os humanos primitivos desenvolvessem uma variedade mais complexa de estratégias de sobrevivência, as quais incluíam a caça, a pesca, a coleta e o uso de ferramentas diversificadas e especializadas. Para essas e outras migrações antigas, os historiadores têm apenas os registros mais genéricos de milhares de pessoas de várias gerações.

O que todas as migrações têm em comum são as evidências que cada uma fornece da ex-

traordinária história de sucesso das primeiras populações humanas. Do oeste da África até outros continentes, as populações humanas constantemente aumentaram em número e os grupos humanos aumentaram em tamanho e complexidade. Populações em expansão enviaram novos migrantes até o novo vale ou pelo mar até o próximo porto, até ocupar praticamente todos os nichos ecológicos possíveis neste planeta. O aumento populacional foi o fator único mais importante no desenvolvimento da história humana.

O povoamento daquela enorme massa de terra que hoje chamamos de África e Eurásia foi executado principalmente a pé por terra, com o passar de centenas de séculos e por centenas de gerações. Algumas migrações para outras partes da Ásia, do Pacífico e para as Américas requisitaram viagens de longa distância pela água, seja por barcos ou atravessando pontes de terra temporárias que apareceram em várias partes do mundo durante a diminuição glacial do nível dos mares, há aproximadamente 50 mil anos. Para algumas partes do mundo – Austrália e Nova Guiné, por exemplo – tanto as pontes de terra como os canoas ou jangadas foram necessários para o sucesso das migrações humanas.

Atingindo as Américas

É geralmente reconhecido que os primeiros habitantes das Américas foram os imigrantes da Ásia, apesar de o retrato da migração para as Américas ser menos claro do que para outros lugares. Evidências biológicas de tipos de sangue e padrões dentários indicam que os parentes mais próximos dos primeiros americanos são encontrados no nordeste da Ásia. A falta de consenso sobre as datas resultaram em debates sobre quem exatamente eram os imigrantes e como e quando eles chegaram. Foi hipotetizado durante muito tempo que as pessoas tinham vindo da Eurásia (Sibéria) para os pontos mais ao norte da América do Norte. Ferramentas de seixo descobertas em um sítio siberiano, apenas provisoriamente datadas de 1,5 e 2 milhões de anos

atrás, sugerem que os homínídeos habitaram na Ásia naquela data, muito antes do surgimento de humanos na Beríngia (Estreito de Bering), a área da ponte de conexão entre a Ásia e a América do Norte. Há também uma lacuna de evidências ao sul dos lençóis de gelo nas Américas. Consequentemente, opiniões confiáveis localizam as migrações da Eurásia pela Beríngia para as Américas durante o período entre 12 mil e 35 mil anos atrás.

As datas menos controversas do povoamento das Américas, 11 mil até 11.500 anos atrás, são baseadas em evidências de habitações humanas bem ao sul da Beríngia, em um sítio em Clovis, Novo México. Há, possivelmente, sítios mais antigos de habitações humanas que podem datar de até 19 mil anos atrás na América do Norte e até 33 mil anos atrás na América do Sul. Essa evidência inclui lugares que alguns historiadores especulam que podem ter sido alcançados por migrantes, via Atlântico Norte, do oeste da Europa para as Américas. Apesar de todas as datas serem controversas, evidências amplamente aceitas indicam que as Américas provavelmente foram habitadas por humanos por volta de 12 mil anos atrás. Essa data é baseada em evidências espalhadas nas regiões árticas do extremo leste na Groenlândia, no Canadá e no nordeste da Ásia. A colonização do Ártico tomou lugar à medida que as camadas de gelo retraíram-se ao fim do que foi conhecido como a glaciação de Wisconsin, há aproximadamente 10 mil anos.

A teoria beringiana da chegada de eurasiáticos nas Américas diz que na época da migração para as Américas, a Sibéria e o Alasca central estavam ligados por terra por meio de uma ponte atravessando o que hoje é o Mar de Bering. Tendo atravessado essa ponte para as Américas, as pessoas descobriram duas grandes camadas de gelo flutuantes, uma cobrindo a área ao redor e ao sul da Bacia de Hudson, e a outra descendo das Rochosas. Entre as duas havia um corredor livre de gelo, uma rota mais ou menos para o sul de Yukon, descendo através de Montana, a qual humanos e animais utilizaram à medida que ocupavam o que tinha sido uma terra despovoada.

Outra teoria de povoamento das Américas é a de que os migrantes eurásianos podem ter navegado ao sul ao longo de uma costa livre de gelo no Pacífico. As ligações íntimas entre a cultura dos povos da costa do Pacífico e os recursos marítimos podem ter dado crédito à ideia de que a migração para as Américas foi por mar. Estratégias adaptativas importantes foram desenvolvidas por povos da costa do Pacífico para utilizar recursos marítimos; foram descobertos arpones especializados que permitiam que, com barcos capazes de aguentar o alto-mar, os povos da costa do Pacífico matassem mamíferos marinhos. Alguns historiadores chegaram a sugerir que a migração da Ásia para as Américas foi feita inteiramente por barcos, pelo Oceano Pacífico. Teorias similares da migração para as Américas por meio do Atlântico a partir da África também foram propostas. Nenhuma delas conseguiu aceitação geral.

Atingindo as ilhas do Pacífico

O assentamento humano nas ilhas do Pacífico, Austrália e Nova Guiné devem ter começado há uns 50 mil anos, apesar do fato de que abrigos de pedra em sítios australianos recentemente escavados possam atestar a presença humana antes de 60 mil anos atrás. Esse foi um período de glaciação intermitente quando o nível do mar estava temporariamente baixo. Mesmo assim, pelo menos 50 quilômetros (31 milhas) de mar aberto teriam de ser cruzados para alcançar a Austrália, já que em momento algum nos últimos 3 milhões de anos houve uma ponte terrestre completa entre os continentes asiático e australiano. Tenham os humanos chegado como náufragos, à deriva em troncos ou outras vegetações, ou em barcos e canoas deliberadamente construídos para viagens, eles teriam ficado isolados assim que as geleiras retraíram-se e os mares retornaram aos seus níveis normais. Junto com os habitantes humanos da Austrália, a fauna e a flora também se isolaram, cada uma desenvolvendo-se de maneira única em seus ambientes isolados: cangurus, por exemplo, são um dos produtos da separação e do isolamento evolutivo de es-

pécies. A datação recente de rochas gravadas, barro e artefatos de pedra descoberta em um sítio chamado Jinmium, no noroeste da Austrália, podem fazer voltar as datas das primeiras migrações para entre 75 mil e 116 mil anos atrás, sugerindo a alguns pesquisadores que os primeiros artistas não eram de forma alguma humanos modernos e sim uma espécie mais primitiva e arcaica de *Homo Sapiens*. Talvez a arte não seja uma característica definidora do comportamento humano.

Em meio a sítios do começo da Idade da Pedra, encontrados espalhados por grande parte da Austrália e da Nova Guiné, a ocupação contínua e em grande escala desses ambientes naturais complicados começaram como o resultado de migrações tardias durante a última era glacial, em torno de 12 mil a.C., quando Indonésia, Malásia e Bornéu estavam novamente ligadas uma às outras e ao continente asiático. Bandos de povos coletores e caçadores moveram-se constantemente para o leste e para o sul. Da Indonésia, alguns cruzaram por canoas ou jangadas para o continente da Nova Guiné-Austrália-Tasmânia. A presença desses novos migrantes pode ser documentada por linguistas, que estudaram a distribuição e a ligação entre as linguagens aborígenes australianas. Ambas as expansões por meio de terras criadas pelo rebaixamento do nível dos mares e pela eventual restrição de terras à medida que os mares se elevavam novamente afetaram as mudanças demográficas e o movimento de povos.

Uma migração bem mais recente de povos culturalmente relacionados aos asiáticos do sudeste do continente foi datada de 7 mil anos atrás. Essa migração da Idade da Pedra Tardia é dividida entre quatro grupos distintos, e está claro que as pessoas das ilhas e do sudeste do continente asiático participaram. Foram eles pressionados ao sul pelo frio das crescentes geleiras ou por outros povos do norte escapando de drásticas mudanças ambientais? Foram eles empurrados pelas pressões de populações crescentes? As evidências são insuficientes para fornecer uma resposta. Como foi o caso da maioria dos assentamentos costeiros e em ilhas, sítios

primitivos datando do período das verdadeiras migrações foram destruídos pela mudança do nível dos mares.

O aumento e a diminuição dos níveis dos mares tiveram um impacto significativo nas migrações para o Pacífico e as Américas. A última mudança drástica no clima da Terra foi o fim da retração das geleiras em torno de 10 mil anos atrás, o que nos colocou em um período interglacial. As geleiras derreteram significativamente e os oceanos subiram aos níveis atuais das costas (apesar de o aquecimento global ter produzido o subsequente e contínuo derretimento glacial). As pontes terrestres anteriores submergiram, e os arquipélagos e ilhas atuais foram criados. Há até pouco tempo se pensava que não muito depois outra onda de migrantes, malaios do continente, mudou-se por canoas para a Indonésia, Filipinas, Melanésia e, finalmente, Micronésia. Apenas as ilhas do Pacífico e do mundo Polinésio permaneceram despovoados, tendo sido colonizadas entre 1000 a.C. e 1300 d.C. Essas últimas datas foram recentemente questionadas por achados arqueológicos datados de aproximadamente 30 mil a.C. na Melanésia, nas ilhas de New Britain e New Ireland, e no leste do Mar da China em Okinawa.

A travessia e colonização do pacífico não foi mais extraordinária do que cruzar o gelo e a neve da Beríngia para alcançar as Américas. Ambos os movimentos são evidências impressionantes do amplo alcance da potencial resposta humana a mudanças naturais. A colonização final da Polinésia atesta essa flexibilidade: polinésios se mudaram de uma zona equatorial tropical que não tinha inverno para o mundo resfriado e sazonal da Nova Zelândia e finalmente para as ilhas semitropicais havaianas. Milhares de milhas separavam essas colônias, e milhares de anos separaram esses assentamentos iniciais. Cada colônia desenvolveu diferentes culturas materiais em resposta a diferentes ambientes. Ainda hoje, como resultado da migração contínua, todos os assentamentos polinésios compartilham linguagens relacionadas e sistemas de crenças.

CRUZAMENTO DE FRONTEIRAS: MIGRAÇÕES TARDIAS

As primeiras migrações humanas que povoaram o planeta envolveram viagens por terra e mar, expandindo as fronteiras da interação e colonização humanas. As evidências genéticas, naturais e linguísticas dessas primeiras migrações ajudaram a identificar padrões em larga escala, bem como movimentos breves de muitos indivíduos e grupos. Os historiadores frequentemente têm sido capazes de identificar e documentar migrações sempre que há o acúmulo de movimentos de pequena escala de um número significativo de indivíduos e grupos de emigrantes e quando isso é observado por longos períodos de tempo.

Tendo o planeta sido colonizado e os humanos se assentado em um lugar, a necessidade humana de migração não diminuiu. As migrações continuaram a criar padrões históricos complexos e variados. O que distingue os movimentos tardios da primeira colonização é que todos eles podem ser caracterizados como travessia de fronteiras – fronteiras geográficas, naturais, linguísticas, culturais e políticas. Desde 12 mil anos atrás, os primeiros assentamentos distinguiram fronteiras entre a esfera natural e a humana. Depois do surgimento das cidades em todas as partes do mundo, limites urbanos-rurais foram superados por migrantes atraídos por cidades e suas variadas oportunidades, onde grandes concentrações de população poderiam interagir e comerciar bens, genes e ideias (ver Capítulo 3). O estabelecimento da política – como cidades-estado e impérios – depende das fronteiras de comércio e território serem protegidas da ameaça de invasão, muitas vezes por exércitos regulares (ver Capítulos 7 e 10). A expansão imperial criou novas oportunidades para a migração, que cada vez mais significava trocar um local de nascença e uma língua nativa por um grupo de comunidades vastamente diferente e possivelmente mais complicado.

A tecnologia também desempenhou seu papel em permitir migrações por terra e por água (ver Capítulo 2). Os meios de transporte disponíveis e a razão de se mudar transforma-

ram-se ainda mais rapidamente. A introdução do camelo no oeste da África, a domesticação ou o uso de animais de carga como o cavalo, a lhama, o jumento e o elefante foram mudanças críticas na relação homem-animal que regularizaram os contatos entre comunidades e criaram redes de cooperação sistemáticas que aprofundaram a migração entre os locais. Onde as lhamas podiam escalar facilmente a inclinação de uma estrada Inca do século XV da Era Cristã, os cavalos espanhóis (em 1532) não podiam. Essas adaptações tecnológicas eram específicas nos contextos cultural e natural em que ocorreram e ajudaram a determinar a direção e a motivação dos que desejam migrar. Migrações intercontinentais dependeram de tecnologias marítimas e outras – incluindo cavalos, armas, navios e barcos. O eventual uso do vento, do vapor e de outros tipos de energia permitiram a navegação com velas e os barcos a vapor, os aviões, as estradas de ferro e os automóveis a servir aos interesses migratórios das populações humanas com velocidade sempre crescente. Atualmente, na terminologia da “superautoestrada da informação”, os usuários da rede mundial de computadores criaram uma metáfora chamada interconexão migratória para descrever as comunidades virtuais da era digital.

À medida que conexões por terra e por mar começaram a ser construídas em todas as partes do globo, elas propiciaram novas limitações e oportunidades para os indivíduos e os grupos participarem da migração. Nem todos os membros da comunidade humana participaram igualmente. Mulheres normalmente migram distâncias mais curtas e homens migram distâncias maiores. Em algumas sociedades, o acesso a destinos distantes significava o acesso ao poder e à riqueza. Na verdade, o comércio foi uma das forças motivacionais mais poderosas em atrair os humanos para as estradas e vias aquáticas. O impulso do comércio, a expansão e a retração da guerra, a expansão da política, doenças pandêmicas e a persistente exploração de novas comunidades – tudo isso contribuiu para o papel contínuo da migração em moldar a história humana.

A CRIAÇÃO DA DIÁSPORA

Todas as migrações compartilham uma característica comum de deslocamento. As pessoas deixam sua terra natal e viajam para um novo lugar com alguma distância. A maioria dos viajantes – sejam colonizadores, conquistadores ou refugiados – era absorvida gradualmente por suas novas comunidades, trocando uma linguagem e cultura por outra. Um tipo distinto de comunidade formada por emigrantes vindos em número suficiente permite que eles mantenham sua cultura original e sua linguagem. O termo “diáspora” vem da palavra grega que significa “a dispersão ou disseminação de sementes”, e refere-se à dispersão das pessoas que sobrevivem como uma comunidade. As características comuns de uma diáspora persistem não importando se os emigrantes eram vítimas, trabalhadores, comerciantes, viajantes culturais ou participantes de impérios. Por exemplo, a diáspora judia foi criada por movimentos sucessivos dos judeus para fora da Palestina, para a Babilônia depois da invasão assíria em 722 a.C., e finalmente para a Península Ibérica depois da derrota frente aos romanos em 70 d.C. Os judeus, que posteriormente foram expulsos da Ibéria (1492-1497 d.C.), estabeleceram-se no leste da Europa; por fim, a era nazista (durante a Segunda Guerra Mundial) levou a migrações subsequentes, estendendo sua diáspora religiosa e cultural para as Américas e para o Estado moderno de Israel. Sequências de migrações criaram uma diáspora comercial Sul-Asiática, no início do século II d.C., ligando as trocas marítimas do Oceano Índico com a rede de portos do sudeste da Ásia. Pessoas conhecidas como “Roma” eram trabalhadores nas bordas do sistema de castas, enviados como escravos para outras partes do oeste da Ásia entre os séculos VIII e IX da era cristã e, após 1300 d.C., a caminho da Europa, onde “ciganos” que falavam Romani, os quais, por manter sua linguagem distinta e sua cultura intactas, mantiveram uma identidade separada. Migrações posteriores de trabalhadores e servos do sul e do oeste da Ásia contratados após o século XIV d.C. criaram diásporas de comunida-

des que se estenderam até a Austrália, a África, a Europa e para as Américas, especialmente para o Caribe, entre 1834 e 1924.

As oportunidades disponibilizadas pela expansão do comércio, dos impérios e da religião aumentaram o número de viajantes e a probabilidade de migrações permanentes e de larga escala – realocando-se nos distantes portos de comércio. As diásporas de comércio contaram com a gradual dispersão de pessoas, algumas vezes com o auxílio da expansão territorial de grandes impérios, como o Mongol ou o Mali (ver Capítulo 7). Por exemplo, mercadores muçulmanos espalharam-se a partir da Arábia Saudita para o Egito e pelo norte da África após o século VII d.C.. À medida que o Islã penetrou na rede de comércio Transaariana nos séculos XIII e XIV, os mercadores muçulmanos criaram uma diáspora comercial por meio das conexões culturais do Império Mali. Diásporas comerciais têm seu próprio ciclo de vida, contraindo e expandindo de acordo com as oportunidades mercantis ganhas ou perdidas. Outras diásporas de comércio finalmente ligaram os comerciantes do Iêmen, a Hausa do oeste da África, sul-asiáticos, chineses e libaneses cristãos, junto com os vários grupos cujas atividades comerciais ao longo dos últimos 2 mil anos levaram a migrações por terra. O comércio também influenciou a peregrinação de muitos grupos humanos, que viveram ao longo de vias aquáticas, notavelmente ilhéus do pacífico e os Vikings, cujas migrações contínuas finalmente levaram a mudanças de longo prazo na linguagem e na cultura.

CRUZANDO OS MARES: OS VIKINGS E OS POLINÉSIOS

A colonização normalmente substitui, absorve ou desaloja os grupos mais antigos de seu controle das comunidades e raramente estabelece novas comunidades. As migrações vikings criaram diásporas ou dispersões que alcançaram desde o norte da Rússia até Newfoundland (Terra Nova) e do sul até o norte da África. De acordo com os registros escritos e a arqueologia, suas incursões eram tanto pacíficas como

violentas. Durante o século IX d.C., a aspereza do ambiente escandinavo e a pressão de uma elevada população em terras de produtividade limitada, junto com a atração pelo lucro e pela aventura, estimularam os ambiciosos governantes nórdicos ou Vikings a colocar seu povo em movimento. Como imigrantes, conquistadores e comerciantes, os Vikings deixaram seu território no extremo norte em barcos abertos de 21 a 24 metros (70 a 80 pés) de comprimento. Longos e estreitos, elegantes e eficientes, estes eram barcos movidos por remos primários com uma vela quadrada complementar, com lados altos, mas com um casco raso. Eles podiam carregar no máximo 60 ou 70 pessoas pelo mar aberto, assim como em meio às águas calmas dos rios internos.

Eles primeiro apareceram como saqueadores e aventureiros; permaneceram como comerciantes e mercenários e englobaram muitos grupos culturais, não só o nórdico. Em seus notáveis barcos, traçaram rotas em rios penetrando o sul até o Mar Negro, e impuseram seu controle perante os vários povos eslavos desunidos entre os quais eles apareceram. Por volta de 850 d.C. eles ganharam controle sobre Novgorod e logo depois controlaram Kiev.

Outros Vikings, principalmente da Noruega e da Dinamarca, foram para o oeste e para o sul. Antes do fim do século VIII, estavam contornando e invadindo a Escócia e a Irlanda. Por volta de 830, já estabeleciam vilas lá e nas ilhas oceânicas; eles usavam essas pequenas colônias como bases a partir das quais iam invadir e pilhar os ricos estabelecimentos monásticos nas margens da Europa Cristã. A partir de seus postos na Irlanda e nas ilhas do Mar do Norte, os Vikings navegaram para o oeste pelo Atlântico Norte.

Logo após a metade do século IX, eles alcançaram a Islândia e se estabeleceram lá permanentemente; a partir da Islândia eles foram atraídos para a Groenlândia, onde Eric, o vermelho, ergueu uma colônia em 981. De lá, o filho de Eric, Thorvald Eriksson – que ouviu falar de um lugar chamado “Vinland” (um antigo termo nórdico para “terra de pastos” ou “pastos”) por seu irmão Leif, que chegou a essa terra

(que, na verdade, se pensou tratar-se da Nova Escócia) em torno do ano 1000 – avançou para o oeste para Labrador e para o sul até a Terra Nova, em cujo ponto mais ao norte, em L'Anse aux Meadows, a primeira colônia “europeia” na América do Norte foi estabelecida. Os vikings podem ter navegado ainda mais para o sul até Massachusetts e Martha's Vineyard, mas sua colônia em L'Anse aux Meadows durou menos de um ano e sua ligação com as praias mais ao leste da América do Norte não foi permanente.

No lado oposto das Américas, até mesmo em contraste com a expansão dos Vikings para o oeste e muito mais cedo, as migrações Polinésias se moveram do oeste para o leste pelo Oceano Pacífico. Evidências de linguistas e arqueólogos sugerem que as milhares de ilhas espalhadas na face da Oceania no Pacífico permaneceram isoladas das conexões estabelecidas entre Africanos, Asiáticos e Europeus antes de 1250 d.C.. A Oceania se divide em Melanésia, Polinésia e Micronésia. Migrações tardias colonizaram esses *habitats* distantes, criando novas comunidades. As pessoas que habitaram essas ilhas estabeleceram suas próprias conexões regionais no Pacífico no primeiro e segundo milênios a.C., quando mercadores marítimos identificados com a tradição cultural Lapita começaram a se assentar na Melanésia, nas ilhas ao sul do equador desde Papua Nova Guiné até o oeste, Fiji e para o leste.

A cultura Lapita, nome dado a um sítio arqueológico em Nova Caledônia, foi provavelmente uma extensão de migrações muito mais antigas para as ilhas do Pacífico a partir do extremo sul da Ásia. Como agricultores sedentários, os Lapita trouxeram com eles plantas e animais domesticados, junto a um distintivo estilo de cerâmica. Eles cultivavam plantações como as de inhame, banana, fruta-pão e coco, as quais se espalhavam graças a viagens ocasionais entre as ilhas. Por volta de 1300 a.C., esses povos alcançaram os limites externos de Fiji e logo depois encontraram o caminho para a Polinésia por meio de Tonga e Samoa. Redes regionais de cooperação foram importantes para a disseminação da cultura Lapita até Vanuatu, um dos maiores grupos de ilhas da Melanésia

Central. A Polinésia, tendo como limites o Haváí, a Nova Zelândia e a Ilha de Páscoa, ficou sujeita às mudanças trazidas pelos contatos com navegantes bem como pela migração de pessoas provenientes de extensas rotas marítimas.

Os polinésios que se assentaram na Nova Zelândia, os Maori, forneceram um exemplo bem documentado sobre como os polinésios exploraram e se estabeleceram no Pacífico em barcos cobertos com capacidade para 100 ou 200 pessoas, com água e mantimentos armazenados, suficientes para semanas de viagem. Eles tinham conhecimento das estrelas e eram capazes de escolher estações favoráveis para as viagens. Eram bons navegadores, ajustando seu curso a partir de pontos familiares e guiando-se pelo sol, pelas estrelas e pela direção dos ventos e das ondas.

Os assentamentos polinésios na Nova Zelândia representaram um enorme desafio ecológico, já que a maioria das plantas e animais domesticados das ilhas Marquesas não conseguiram sobreviver à longa viagem ou morreram logo depois, devido à diferença climática. Colonizadores polinésios se adaptaram ao novo ambiente, tornando-se caçadores/fazendeiros, o que redundou em mudanças naturais e, conseqüentemente, na necessidade de se adotar novas estratégias de sobrevivência que não mais estavam ligadas às suas origens marquesas. Façanhas como essas, em distâncias tão longas, produziram marinheiros ousados e navegantes habilidosos. Para manter as ligações entre suas ilhas, os micronésios dominaram conhecimentos sobre estações, correntes e ventos e até mesmo desenvolveram mapas descritivos para guiarem-se em suas longas viagens.

GLOBALIZAÇÃO: MIGRAÇÕES DE TRABALHO FORÇADO E VOLUNTÁRIO

Os padrões de migração humana finalmente ligaram todos os oceanos do globo. Por volta de 1200 d.C., a maioria das migrações mundiais estava ocorrendo em pequena escala para terras já ocupadas por outras comunidades. Nem todas as migrações eram questões de escolha individual ou grupal. Impérios em expansão

entre 1400 e 1600 ajudaram a criar migrações, como os Mongóis, os Ming, os Otomanos e administradores mughal, mercadores e colonos seguiram na trilha de soldados imperiais. A expulsão forçada de membros indesejados da comunidade era uma das formas com que uma comunidade protegia seus domínios, mantendo controle político e reforçando valores culturais e sociais. Por meio de rituais, ação comunitária, disparidade econômica, separação judicial ou escravidão, indivíduos podiam ser removidos à força de sua comunidade de origem.

Migrações forçadas

Um importante desenvolvimento na história das migrações foi a globalização do trabalho forçado após 1500 d.C. O comércio de criminosos e escravos seguiu a maioria das rotas mundiais de longa distância conhecidas pela história, já que a maioria dos outros bens podia ser convertida no valor de prisioneiros, de escravos ou de seu trabalho. Os escravos viajaram por terras interiores e rotas marítimas de comércio nas Américas, na África e na Eurásia por mais de mil anos. No oeste da África, caravanas de mercadores ligaram ambientes pelo Saara logo nos primeiros séculos da Era Cristã, por meio do comércio de escravos, de sal, de ouro e de outras mercadorias. O surgimento do capitalismo e da expansão imperial difundiu as plantações e encorajou o ressurgimento do comércio de escravos e a dependência do trabalho escravo (ver Capítulos 6 e 8). As rotas de transporte de escravos da Eurásia e do norte e leste da África chegaram ao Oceano Índico em torno do século XIII, e cruzaram os Oceanos Atlântico e Pacífico no século XV, onde as plantações refletiam as oportunidades de crescimento econômico no além-mar e criaram uma era de exploração crescente por volta do século XVIII.

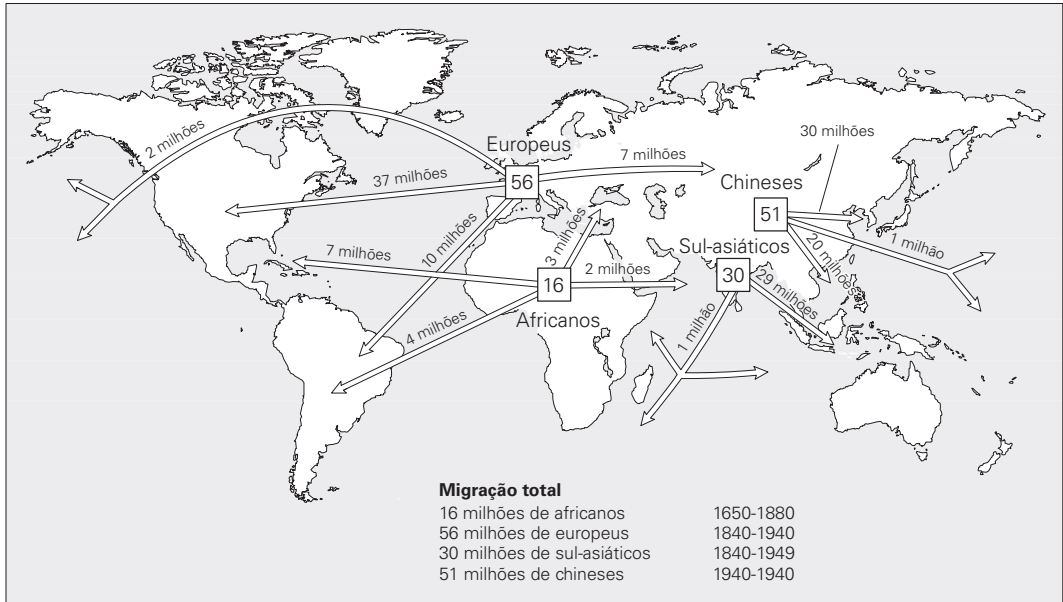
Modelos migratórios involuntários foram criados quando as pessoas foram forçadas a se mudar contra sua vontade. Enquanto escravos, condenados e prisioneiros de guerra sempre tomaram parte das migrações, seus números cresceram significativamente com a globalização do

comércio. Sob o impacto do capitalismo, novos sistemas de escravidão criaram as migrações de escravos africanos, que eram tratados como mercadorias. A escravidão se intensificou nas Américas à medida que a demanda por trabalho em minas e em plantações aumentou, estimulando a demanda por escravos em outras partes do mundo. Depois de 1500, a introdução de novas colheitas de alimentos na Ásia levou a enormes crescimentos populacionais. Uma das consequências foi aumentar o número de trabalhadores forçados disponível para os comerciantes marítimos. A migração acelerada de asiáticos do leste e do sul depois de 1800 envolveu um número estimado de 80 milhões de indivíduos, um número que suplanta o do mais estudado comércio de escravos africanos no Atlântico.

Na era atlântica, as costas da África Central e a do oeste também se tornaram imãs para a migração urbana após o século XV, atraindo comércio e pessoas para cidades portuárias, enquanto redirecionava rotas de comércio internas de ouro e escravos. Escravos, criminosos e servos deram suporte a novas atividades econômicas nas novas partes do mundo, mais notavelmente nas Américas, mas também na Ásia e no Pacífico entre 1500 e 1800. Por exemplo, a colonização da Austrália e partes do Caribe foram largamente conduzidas com a importação britânica de prisioneiros, com aproximadamente 15 mil condenados atravessando o Atlântico entre 1760 e 1820. Em contraste, mais de 12 milhões de africanos migraram forçadamente para as Américas do Sul e do Norte entre 1500 e 1900.

Ecologia das migrações

O impacto das migrações modernas foi mais do que econômico. Ambos os migrantes, voluntários e involuntários, transformaram os povos e lugares das Américas, do extremo sul ao norte da Ásia. Decréscimo populacional e territórios disponíveis encorajaram a onda inicial da migração global. Indubitavelmente, o impacto mais imediato e dramático das migrações pós-colombianas no mundo transatlântico foi epide-



Mapa 1.2 Padrões globais de migração, 1650-1940.

Fonte: Adaptado de Patrick Manning, *Migration in World History* (Londres e Nova York: Routledge, 2005), Figura 8.1, p. 146

miológico. Os efeitos das doenças trazidas pelos primeiros europeus e africanos foram horrendos e proféticos. As doenças resultaram no desaparecimento de povos indígenas inteiros, dos Caribes da Bacia Caribenha até Beothuks na Terra Nova, e o extermínio geral da maioria das populações foi comum. Por exemplo, as populações indígenas do México Central, em 1519, foram estimadas em 25 milhões; em 1580, depois da conquista espanhola, havia menos de 2 milhões. Depois de décadas do contato com europeus, estima-se que 90% dos povos indígenas americanos desapareceram de algumas ilhas e regiões. A população ameríndia não possui imunidade contra doenças comuns na Europa e na África, como a gripe suína e a varíola. Introduzidas por hospedeiros humanos e animais, essas doenças virais trazidas da Europa e da África mataram a maioria dos indígenas adultos pelo contato nas Américas, abrindo novas áreas para conquista e assentamento.

Os emigrantes mudaram-se com as ideias e as culturas familiares de sua terra natal e encontraram novos povos, produtos e ideias. O

domínios do migrantes europeus nas Américas foi também acelerado por um processo, descrito pelo historiador Alfred Crosby e outros, como imperialismo ecológico, dado o fato de que a introdução de plantas, animais e doenças teve um impacto irresistivelmente dominante nas relações com as comunidades e a natureza locais. O sucesso dos europeus, suportado por armas e políticas governamentais, ganhou o controle sobre ambos os continentes americanos e resultou no desarranjo das populações indígenas e suas culturas. Os emigrantes estabeleceram novas comunidades e construíram novas identidades. A migração acelerada estimulou a mistura de raças e grupos étnicos.

Migrantes voluntários

À medida que as cidades ao redor do mundo se tornaram mais e mais o destino de emigrantes voluntários no século XIX, suas atividades industriais e comerciais urbanas criaram oportunidades para migrações de pequena escala por terra e por migrações marítimas intercontinentais.

O Imperialismo aprofundou os movimentos das pessoas em ambos os sentidos, de e para as terras conquistadas na África, Ásia e nas Américas. Migrantes por terra e por oceano responderam à expansão das fronteiras e ao estabelecimento de novas colônias. Os barcos a vapor de alto mar do meio do século XIX ajudaram a diminuir o tempo de viagem e a aumentar o número de travessias entre os continentes do mundo.

As viagens levavam novos migrantes, marinheiros retornando e correspondências entre a nova comunidade e antiga terra natal. Em 1854, a viagem do *L'aquitaine*, o primeiro barco a vapor de alto mar entre Bordeaux, França, e Saint-Louis, Senegal, criou um dos muitos caminhos de migração que iriam encorajar uma série de conexões intercontinentais durante gerações. Trabalhadores migrantes na Gâmbia eram conhecidos como *navetane*, uma palavra emprestada por colonizadores franceses da linguagem Wolof e utilizada para descrever trabalhadores sazonais. Durante a era colonial, muitos *navetane* não foram apenas voluntários, mas vinham predominantemente de famílias ricas e da elite, que enviavam os membros familiares para a França para reforçar suas posições tradicionais. Alguns migrantes tornaram-se acadêmicos ou intérpretes, alguns nunca retornaram, outros retornaram com riqueza e prestígio, e alguns eram marinheiros celebrados em canções *navatane* locais:

Mamadu, o rico marinheiro, retornou a casa

Suuleyman, o rico marinheiro, está de volta à casa

Podem os pequenos pássaros servir de alimento aos morcegos?

Escutem todos

E vocês líderes das preces

Escutem

Nosso pai Mamadu Konte, o chefe dos marinheiros, voltou à casa, e Jama

Majigi, que desceu dos navios para ver novamente sua mãe, Jele Alu, e sua tia,

Awa Samba

(Manchuelle 1997, p. 198-9)

Migrações contínuas no Vale do Rio Senegal buscaram oportunidades comerciais antes, durante e após a era colonial. Pelos anos de 1950 e 1960, os Soninke, dessa região, compunham a vasta maioria de Africanos na França.

Entre os anos de 1840 e 1940 houve múltiplas levas de migrantes para regiões do mundo que juntas criaram a maior era de migração na história humana. Entre essas se incluem as três maiores ondas, com mais de 30 milhões de pessoas cada. Sendo que 50 milhões de migrantes vieram da Europa para as Américas; outros 30 milhões do sul da Ásia e 50 milhões foram da China para o sudeste da Ásia, o Pacífico Sul, o Caribe, as Américas e o Oceano Índico, e do nordeste da Ásia e da Rússia para a Sibéria, Manchúria, Ásia Central e Japão.

Migrações globais causaram mudanças significativas na população mundial. As áreas de destino continham 10% da população mundial na metade do século XIX e quase 25% um século depois. Migrações para o extremo sul da Ásia e para o Oceano Índico e o Pacífico Sul foram realizadas por asiáticos, muitos dos quais participaram de um entre vários programas privados e governamentais de recrutamento de força de trabalho. As migrações do norte asiático foram encorajadas por políticas governamentais, pelas possibilidades de permanência e pelas oportunidades de trabalho. A intensificação de uma economia global também forneceu o contexto para o crescente número de migração de longa distância, amplamente nas mãos de europeus que controlaram mais do que a metade da população mundial no começo do século XX.

IMPERIALISMO, INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

Indústria, império e guerras mundiais combinaram-se para criar as condições para essas migrações modernas massivas. A disseminação do capitalismo industrial e a criação do império requisitaram o movimento de mercadorias e pessoas ao redor do mundo. Inovações na tecnologia de transporte capacitaram a velocidade crescente e custos relativamente baixos para a



Figura 1.3 Trabalhadores chineses em uma mina de ouro na Califórnia. Trabalhadores chineses contratados trabalharam em minas na Austrália, na África do Sul e nas Américas no século XIX.

ocorrência dessas transferências. Somando na escala global de movimentação dos dois últimos séculos apareceu o processo interligado de industrialização e urbanização (ver Capítulos 2 e 3). Desde seu começo, a revolução industrial foi uma iniciativa global que se baseou fortemente na movimentação de matérias primas e trabalho humano. Migrantes voluntários concentraram-se nas cidades criadas pela nova indústria e para os empreendimentos industrializados concentrados na exploração de minas e colheitas comerciais, como as de óleo de palmeira ou borracha. A industrialização global também dependeu dos movimentos de migrantes para locais subpovoados e áreas de fronteiras vulneráveis no extremo sul da África, Austrália e Nova Zelândia, onde sua presença aprofundou a conquista. Trabalhadores contratados do sul e do leste da Ásia construíram estradas, colheram

cana de açúcar e exploraram minérios da América do Sul até a Austrália, do Oeste da América até a África do Sul.

Os capitalistas buscaram mão de obra, mercados e recursos e transportaram tudo isso para a maximização do lucro. A industrialização, onde quer que ocorresse, aumentou a migração de capital e de *trabalhadores*, enquanto criava mercados mundiais. Isso foi particularmente verdadeiro para indústrias como a da mineração e as manufaturas. A expansão dos impérios acelerou a migração. A atividade colonial dependeu da cobrança de impostos e forçou os colonizados a buscar oportunidades de trabalho assalariado. Europeus e norte-americanos deixaram sua terra natal com o propósito de estabelecer entrepostos coloniais. Essas migrações alongaram os braços do império, criando linhas de trabalho e mercados para bens manufaturados.

Migrações pós-coloniais continuamente pressionaram as populações de ex-colônias a voltar para as metrópoles, como Paris e Londres, onde as vantagens econômicas e educacionais foram almejadas, mas nem sempre obtidas, pelos imigrantes. Os não europeus possuíam papéis fundamentais na expansão e integração da economia global. Nas maiores cidades do mundo, migrantes voluntários varriam as ruas e dirigiam táxis. Seus filhos forjaram novas identidades. Os movimentos padronizados de migrantes se cruzaram com as forças do nacionalismo. À medida que Estados-Nação se expandiam no século XIX, seu crescente reconhecimento de limites territoriais culminou em um mundo de passaportes, guerras e refugiados.

DESLOCAMENTOS DE GUERRA

Os deslocamentos de guerra foram um poderoso determinante na migração humana do mundo moderno. Prisioneiros de guerra sempre foram migrantes forçados. Fugindo de guerras e da opressão, eles encontraram novas oportunidades para sua habilidade de se realocar a meio mundo de distância. Refugiados econômicos e políticos, durante e após as duas Guerras Mundiais do século XX, resultaram em grandes deslocamentos de populações e levantaram a questão da definição legal internacional do *status* de refugiado. Um refugiado era alguém desalojado por condições econômicas ou de violência, e que iria procurar asilo em função da guerra, da fome, da perseguição ou da opressão. Além disso, o crescimento do Estado-Nação durante os séculos XIX e XX resultou em obrigações imperiais por novos territórios, recursos, trabalho e a crescente capacidade de controle das fronteiras nacionais ao estabelecer obstáculos de intervenção no envio e recebimento de migrantes. Por exemplo, a Liga das Nações mandou abrir a Palestina para colonização de larga escala por imigrantes cujo objetivo era criar um Estado judeu naquele território. Beneficiados pelo apoio ocidental e pela preocupação com o destino dos Judeus saídos do Holocausto e um grande influxo de refugiados europeus, especialmente mulheres e crianças,

colonos judeus desalojaram os habitantes palestinos mais antigos. A oposição árabe à tomada das terras, que estiveram sob o domínio de suas famílias durante muitas gerações, redundou em um ataque ao novo Estado de Israel e criou muito mais refugiados. Conflitos em Ruanda, Sudão, Kosovo, Iraque, Afeganistão e no sudeste da Ásia criaram, similarmente, populações significativas de refugiados ao redor do mundo ao final do século XX e no começo do século XXI.

DESIGUALDADE E LEGISLAÇÃO ANTI-IMIGRANTES

Nem todos os fatores na política global favoreceram as ondas migratórias. O Ato Americano de Exclusão Chinesa, de 1882, foi uma política de imigração baseada em temores raciais e desenvolvida para restringir a imigração de trabalhadores chineses para os Estados Unidos. Durante e depois das Guerras Mundiais, o Congresso dos Estados Unidos limitou a imigração por meio de leis subsequentes. Durante os séculos XIX e XX, a política imigratória dos Estados Unidos era severamente discriminatória contra não brancos, exceto com propósitos de importação de mão de obra masculina para o trabalho pesado. Essa política foi posteriormente imitada pela Austrália (1901) e pelo Canadá (1923), mas finalmente repelida. Atualmente, muitos Estados-Nação e entidades multinacionais continuam a lutar contra os problemas da migração internacional que testam e comprometem os limites nacionais e transformam as identidades (ver Capítulo 10). Vítimas da fome e regimes nacionais repressivos também tentaram escapar para lugares mais seguros; novamente, refugiados africanos e asiáticos tiveram menos sucesso em suas tentativas de migrar. Ainda assim, a migração para os Estados Unidos foi de tamanho excepcional, bem como a diversidade de países de origem.

ESTUDO DA MIGRAÇÃO

Nos dois últimos séculos, números cada vez maiores de imigrantes estimularam o estudo

QUADRO 1.1**Despedidas em realocações, centro de realocação Manzanar**

A guerra e a política discriminatória combinaram-se para criar um programa de redistribuição visando famílias nipo-americanas e incluindo mais de 110 mil homens, mulheres e crianças, nos anos de 1940. O acampamento Manzanar de realojamentos no deserto da Califórnia foi um dos 10 acampamentos no estilo militar, situados em áreas remotas onde cidadãos americanos de descendência japonesa e residentes estrangeiros ficaram internados durante a Segunda Guerra Mundial. Esta fotografia capturou uma imagem pungente de uma mulher, e levanta questões a respeito do contexto mais amplo em que ela foi tirada. Como em qualquer outra fotografia, é um documento primário que conduz informações “de primeira mão” sobre o lugar, as pessoas e os eventos do tempo da fotografia.

O fotógrafo Ansel Adams foi convidado a fotografar Manzanar no outono de 1943 por

Ralph Merrit (o diretor do campo). As fotografias que tirou não incluem nada que possa fazer o acampamento parecer um centro de detenção. Os historiadores podem questionar essa foto, assim como qualquer outro documento histórico, aspectos sobre o que é visível e o que pode estar faltando. Qual é o público almejado, e qual é a visão do artista? A imagem não inclui guardas, arame farpado ou torres de guarda. Outras fotografias de Adams documentam famílias sorridentes jogando beisebol. Porém, sabemos por descrições pessoais, que emoções intensas e condições duras foram as experiências dos detentos.

As fotos também não expressam as circunstâncias que levaram à realocação de tantas pessoas. Do outro lado do Pacífico, o ataque japonês a Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941) causou amplo clamor público, midiático e governamental, ocasionando medos e suspeitas sobre pessoas de descendência japonesa. Em 1942, o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, assinou a ordem executiva 9606, que autorizou o estabelecimento de áreas militares para alojar essas pessoas que acreditava tratavam-se de ameaça aos esforços de guerra. De acordo com um detento, famílias marcadas tinham mais ou menos uma semana para se livrar de tudo que possuíam, exceto aquilo que poderiam levar consigo no ônibus. Eles não sabiam para onde iam nem quanto tempo permaneceriam. Embora as fotos de Ansel não parecessem ser posadas, a expressão da mulher parece refletir a incerteza da chegada ou partida na qual ela estava envolvida.

Fotografias constituem uma rica fonte de evidências para os historiadores mundiais. Desde a invenção da fotografia e a difusão de seu uso depois dos anos de 1840, imagens fotográficas eram vistas como sendo “escritas pela luz”. Elas capturaram lugares e pessoas de todas as partes do globo com a urgência e o olhar profundo da câmera. Elas também refletem a luta dos historiadores mundiais para colocar esses momentos singulares, locais da “despedida da realocação”, no contexto de padrões mais amplos e do processo global.



acadêmico da migração. Muitos acadêmicos notaram a disparidade dos padrões de migração quando considerado o gênero. O livro *Laws of Migration* de E. G. Ravenstein foi publicado inicialmente em 1885. Ravenstein argumentou que apesar da atenção prestada para as migrações de longa distância (internacionais), a maioria das migrações é local (rural e urbana) e ocorre em estágios. Essa observação constitui a origem da teoria da cooperação nas ciências sociais. Escrito em um período que recém havia testemunhado as correntes viagens transoceânicas em navios a vapor, Ravenstein discorreu sobre padrões de migração como correntes e contracorrentes de movimentos populacionais. Ele argumentou que as mulheres predominavam em migrações locais e homens em migrações de longa distância. Outras tipologias distinguiram entre os tipos e as motivações envolvendo migrações, incluindo a migração como uma resposta a uma mudança natural, migração forçada (comércio de escravos), coercitiva (trabalho contratado), migração livre e movimentos em massa. Suas observações sobre a disparidade de oportunidades permanecem parcialmente verdadeiras hoje. Significativamente, mais homens migram longas distâncias e as mulheres aproveitam muito menos oportunidades de realocação. Ainda assim, muitas migrações individuais foram instigadas por mulheres, como esposas e mães. Por exemplo, a fome na Irlanda encorajou praticamente o mesmo número de imigrantes irlandeses masculinos e femininos, que buscaram aliviarem-se das duras condições e da fome que suas famílias passavam.

CONCLUSÕES

Desde a disseminação do *Homo Sapiens*, os seres humanos permanecem como criaturas móveis. A mobilidade dos primeiros humanos foi uma de suas maiores realizações, pois eles cobriam vastas áreas sem o benefício da força de cavalos ou da roda, muito menos as facilidades da propulsão a jato, o conforto do ar condicionado e da velocidade. Durante sua história, as pessoas se mudavam constantemente. Migração, ocorrendo variadamente a partir de lugares não fixos, foi



Figura 1.4 Pegada da alunissagem deixada pelo astronauta Neil Armstrong. Mais de 3 milhões de anos após as pegadas de homínidos preservadas em Laetoli (ver Figura 1.1) a espécie humana deu os primeiros passos na colonização de outras partes do sistema solar.

o produto de muitas coisas: a necessidade de comida e trabalho; a necessidade de proteção e por causa das pressões populacionais, dos conflitos contra outros ou pelo senso de aventura.

A migração foi o resultado e algumas vezes o catalisador de grandes mudanças na população durante a história mundial. Fontes das Nações Unidas estimaram aproximadamente 14-16 milhões de refugiados, 20-25 milhões de pessoas desalojadas e 35 milhões de “migrantes econômicos” no hemisfério norte no começo do século XXI. A migração moderna não foi apenas abastecida por guerras e conflitos, ela também foi consequência do desejo, da busca por ganhos educacionais, assim como consequência da pobreza, da fome, do terrorismo e dos desastres naturais. As condições modernas de mobilidade refletem as lacunas mais evidentes e amplas entre grupos ricos e grupos pobres. A maioria das migrações modernas reflete as formas sistêmicas com que as sociedades falham para providenciar as necessidades humanas básicas, mesmo quando são percebidas como oportunidades disponíveis para crescimento pessoal. Mais recentemente, programas espaciais internacionais estenderam a migração humana para o espaço, com a primeira chegada na Lua, em 1969, e a

primeira comunidade permanente na Estação Espacial Internacional, um projeto conjunto entre os Estados Unidos, a Federação Russa, o Japão, o Canadá e a Europa, desde 2000. Como uma história mundial em movimento equilibrou as necessidades duais de mudança e continuidade que sustenta aos temas mais urgentes que conectam nosso passado, presente e futuro global.

REFERÊNCIAS SELECIONADAS

- Chang, Kwang-chih (1986) *The Archaeology of Ancient China*, New Haven, Conn.: Yale University Press. Quarta edição revisada de um trabalho clássico de um dos principais antropólogos-arqueólogos. Ilustrações Detalhadas e explicações sobre as origens da humanidade na China.
- Christian, David (2003) *Maps of Time: An Introduction to Big History*, Berkeley: University of California Press. Uma abordagem integrativa da história mundial formada pela análise da história humana dentro do contexto da história da vida, da Terra e do Universo.
- Crosby, Alfred W. (2004) *Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900*, Cambridge: Cambridge University Press. Investiga as raízes da dominação europeia na transformação das relações ecológicas.
- Ehret, Christopher (2002) *The Civilizations of Africa: A History to 1800*, Charlottesville, Va.: University Press of Virginia. Enfatiza o mapeamento linguístico das migrações.
- Eltis, David, ed. (2002) *Coerced and Free Migration: Global Perspectives*, Palo Alto, Calif: Stanford University Press. Examina as pessoas, os valores e as culturas das migrações pós 1500 d.C., enfatizando as similaridades entre migrações livres e coercitivas.
- Hoerder, Dick (2002) *Cultures in Contact: World Migrations in the Second Millennium*, Durham, N.C. and London: Duke University Press. Explora os papéis do poder e da perspectiva na migração humana, com ênfase nos últimos 500 anos.
- Jones, Steve, Robert Martin, and David Pilbeam, eds (1992) *The Cambridge Encyclopedia of Human Evolution*, Cambridge: Cambridge University Press. Apresenta as maiores questões da evolução humana.
- Manchuelle, François (1997) *Willing Migrants: So-ninke Labor Diasporas, 1848-1960*, Athens, Ohio and London: Ohio University Press and James Currey Publishers. Utiliza as grandes perspectivas da migração para entender o significado das escolhas africanas modernas.
- Manning, Patrick (2005) *Migration in World History*, New York: Routledge. Utiliza a migração humana como uma perspectiva temática singular pela qual enxerga a história mundial.
- Olson, Steve (2003) *Mapping Human History: Genes, Race, and Our Common Origins*, Boston, Mass.: Houghton Mifflin. Sintetiza as origens humanas e as primeiras migrações.
- Stringer, Christopher and Robin McKie (1996) *African Exodus: The Origins of Modern Humanity*, New York: Henry Holt. Analisa a interpretação genética e arqueológica da evolução humana e da migração.

RECURSOS ONLINE

- Annenberg/CPB Bridging World History (2004) <<http://www.learner.org/channel/courses/world-history/>>. Projeto multimídia com *website* interativo e vídeos por encomenda; Assista especialmente Units 3 Human Migrations e 26 World History and Identity.
- The National Geographic Society *The Geographic Project: Atlas of the Human Journey* (2006) <<https://www3.nationalgeographic.com/genographic/index.html>>. O *site* mapeia marcos genéticos e momentos da jornada de migrações vindas da África e ao redor do mundo há aproximadamente 200 mil anos a.C. e 10.000 a.C.
- Migration DRC (University of Sussex) *The World Migration Map* (Updated 2007) <http://www.migrationdrc.org/research/typesofmigration/global_migrant_origin_database.html>. Fornece acesso aos dados do banco de dados da Global Migrant Origin, desenvolvida pelo centro de pesquisa e desenvolvimento em migração, globalização e pobreza da Universidade de Sussex, permitindo aos usuários consultar as origens e os destinos dos migrantes de e para quase qualquer país no mundo.